O Brasil está chegando, ao mesmo tempo que outros centros científicos importantes do mundo, ao mais novo celeiro terapêutico para numerosas doenças: a terapia com células-tronco. O tema é matéria central deste número da *Revista de Manguinhos*. E para orgulho nosso, a Fiocruz participa de seis projetos nesta área, referentes a doença de Chagas, cirrose hepática, diabetes, doenças cardíacas e do sistema nervoso. Resultado de muitos anos de acúmulo científico, diversas equipes da Fiocruz chegam simultaneamente a experiências seguras com seres humanos, trazendo esperanças a milhares de pessoas e famílias do nosso país.

Contudo, nossa vida científica é bastante diversificada e outros campos do saber em saúde nos trazem também boas notícias: são os casos dos estudos sobre novas moléculas para a asma, doença que acomete milhões de brasileiros, principalmente crianças; de novos recursos para diagnóstico do hantavírus, causador de doença pulmonar grave e outras manifestações; e da fibrose cística, doença genética que acomete os aparelhos digestivo e respiratório; e de uma pioneira vacina terapêutica contra o HIV.

Mas não apenas da pesquisa biomédica vive a nossa instituição. Tratamos também de outros problemas de saúde pública, que requerem abordagens oriundas da epidemiologia e da organização de serviços e programas. São os casos dos estudos acerca do sobrepeso pós-menopausa; de um modelo de controle do dengue que integra saúde da família e manejo ambiental; das crianças vítimas de maus-tratos; e da tuberculose em populações indígenas.

O que nos deixa mais satisfeitos ainda é que a Fiocruz faz uma ciência desconcentrada; quero dizer com isto que muitas destas pesquisas são feitas nas unidades localizadas fora do Rio de Janeiro, casos da Bahia e de Pernambuco, em reportagens deste número da nossa *Revista*. E que expressam todas as vertentes da pesquisa em saúde: biomédica, clínica e saúde pública.

Devo citar ainda a importante contribuição que estamos trazendo neste ano para a assistência à saúde dos brasileiros, com a produção de biofármacos (como a eritropoetina e o interferon alfa) e da já ampla produção de medicamentos na fábrica de Jacarepaguá.

Convido também o leitor a conhecer as opiniões do novo ministro da Saúde, Saraiva Felipe, que, para nossa satisfação, foi aluno da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz.

Boa leitura e um abraço afetuoso.

Paulo Marchiori Buss
Presidente da Fundação Oswaldo Cruz